

23 SET 1986

Brasília

desconhece candidatos.

Brasília — A menos de dois meses das eleições, os 239 candidatos inscritos no Tribunal Regional Eleitoral estão pagando duplamente pelo pecado da virgindade política do Distrito Federal: eles são muitos, mas desconhecidos.

Após 26 anos de jejum, 68 candidatos tropeçam uns nos outros na batalha pelas três vagas no Senado e 171, pelas oito na Câmara dos Deputados, que formarão a primeira representação da capital do país no Congresso Nacional. Como nos mais difíceis vestibulares, a relação candidato-vaga chega a 22,6 na eleição dos senadores e 21,3 na disputa dos deputados.

Pouca gente arrisca-se a prever o comportamento dos 728 mil 545 eleitores do Distrito Federal, no momento em que eles se depararem com a cédula que o TRE promete apresentar ainda esta semana. Técnica de marcar três cruzes nos 68 quadrinhos referentes aos candidatos ao Senado, distribuídos por nada menos que 22 partidos.

Para complicar ainda mais a escolha do eleitor, seis partidos resolveram, a fim de aplacar suas divergências internas, lançar mão das sublegendas: Para as três vagas do Senado, o PL lançou quatro candidatos; o PMDB e o PND, cinco; o PDS seis; o PFL, sete; e o PSB, que não pode ser chamado de grande partido, nove.

Se o inexperiente eleitor nascido em Brasília cometer o simples erro de optar por dois senadores do mesmo grupo de sublegendas, terá seu primeiro voto na vida anulado.

A divisão equitativa dos votos da capital daria apenas 10 mil 713 a cada um dos candidatos ao Senado, votação incapaz de eleger mesmo um senador do pouco populoso estado do Acre. Enquanto isso, o maior colégio eleitoral do país — São Paulo, com 15 milhões 920 mil 473 eleitores — vai contentar-se, a 15 de novembro, com 13 candidatos ao Senado, suportando por 14 partidos.

Em Brasília serão eleitos três senadores, e em São Paulo, como nos outros estados, apenas dois.